

**INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS NO ENSINO MÉDIO E  
NO CURSO DE LETRAS**

Nathália Alves NALIATTI  
(Orientadora): Profa. Dra. Inês Signorini

**RESUMO:** O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo fazer um estudo dos modos de tratar as questões referentes à figura do autor e sua influência para a interpretação de suas obras literárias, diferenciando os modos/modelos utilizados no Ensino Médio (nas aulas de português/literatura) e no Ensino Superior (curso de Letras da Unicamp). Pretende-se explicitar essas diferenças e tentar esclarecer o porquê delas com base em uma revisão bibliográfica e em trabalho de campo (entrevistas).

**Palavras-Chave:** 1. letramento; 2. interpretação; 3. escola; 4. universidade

Introdução

Na nossa vida escolar, como parte do processo de aprendizagem no Ensino Médio, mais especificamente, nas aulas de literatura/português, realizamos a leitura de diversos textos escolhidos pelo professor ou presentes nos livros didáticos e também, leitura de obras completas de diversos autores, em sua maioria cobrados pelo vestibular. Nessas leituras, nos deparamos com autores consagrados, como Machado de Assis, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector. Ao estudá-los, primeiramente, conhecemos suas trajetórias de vida e depois suas obras.

O livro didático que usei como parâmetro (OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. *"Arte Literária, Potugual-Brasil"*, São Paulo, 1999: ed. Moderna), é dividido em 24 unidades, nas quais cada uma dessas condiz com uma escola literária. Dentro dessas unidades percebe-se a seguinte estrutura: primeiramente contextualiza-se o aluno no período histórico da corrente literária a ser estudada, ou seja, faz-se uma breve explanação do momento histórico vigente da época da corrente literária, logo depois apresentam-se os autores mais representativos desta escola literária, os traços biográficos deste, assim como do contexto em que o autor viveu. Em seguida, são mostrados alguns trechos das obras do autor estudado. Em algumas unidades são citados também outros autores (aqueles que não são consagrados, porém da mesma época, da mesma escola literária do autor em destaque) e há apenas um breve resumo de suas vidas. Na seqüência, são indicados exercícios a serem feitos sobre as obras e trechos das obras dos autores anteriormente apresentados.

Grande parte dessas atividades são questões retiradas de vestibulares passados. Outras são a respeito dos trechos das obras mostradas no próprio livro didático, em relação à forma, à estrutura, a localizar no texto características da escola literária e alguns exercícios de interpretação. Como exemplos dessas atividades produzidas pelo próprio autor do livro didático temos: questão 3, p. 413 “O texto 3 foi um dos últimos poemas escritos por Sá-Carneiro. Identifique nele informações autobiográficas”, outro exemplo, é a questão 1, p. 353” *Os três textos indicam claramente a visão de mundo de Augusto dos Anjos e o destino a que está sujeita toda a Humanidade. a) Explique essa visão de mundo; b) Qual o destino que o poeta traça para si e para o ser humano?”*.

Com essa organização de informações sobre a matéria e algumas questões feitas, como as explicitadas acima, os alunos podem relacionar os acontecimentos da vida do autor com sua obra, ou seja, esses tipos de exercícios direcionam a interpretação do aluno, forçando uma procura de resquícios da vida do escritor em seus livros para compreender melhor o texto.

Quando ingressei na Universidade me deparei com o inverso do que me fora apresentado no colegial. Na Universidade, nos defrontamos com o conhecimento de algumas teorias da interpretação que afirmam que, na leitura de um texto, a intenção do autor não é de fundamental importância. Essas teorias colocam outras questões que interferem na leitura dos textos. Há outras referências importantes para a interpretação, como a perspectiva do leitor.

Diante desse cenário, buscaremos compreender o porquê da chegada à Universidade dando tanta importância à intencionalidade do autor na leitura. Pretendo verificar se essa impressão que tive no Ensino Médio em relação à intencionalidade do autor persiste nos ingressantes até hoje.

Gostaria, também, de fazer um estudo dos modos de tratar as questões referentes à figura do autor e sua influência para a interpretação de suas obras literárias, diferenciando os modos/modelos utilizados no Ensino Médio (nas aulas de português/literatura) e no Ensino Superior (curso de Letras da Unicamp).

### **Fundamentação teórica**

Com um olhar mais atento sobre alguns livros didáticos é possível afirmar que estes excluem a livre interpretação, colocando-se em uma posição de autoridade e detentor da verdade e afastando o leitor de seu papel na interpretação. Sendo os livros didáticos formadores de futuros leitores, é plausível afirmar a hipótese de que a partir dessa formação explica-se a expectativa dos ingressantes do curso de Letras em relação a interpretações limitadas, a procura da intencionalidade nas obras. Segundo Zilberman, o

manual didático traz para a sala de aula respostas fechadas, colocando fortemente a noção de certo e errado e deixando as experiências pessoais dos "futuros" leitores de lado. Nessa instituição, ler é decifrar o texto, fazer a compreensão imediata, realizando uma análise superficial do texto, que geralmente, é o que se ensina na escola. De acordo ainda com Zilberman, deve-se atribuir diferentes significados ao decodificar o texto e relacionar esses com outras obras, dialogar com os significados, intenções do autor.

Essa "teoria escolar", a meu ver advém, primeiramente, da tradição de leitura criada no decorrer dos anos, final do século XVIII, início do XIX. Essa "teoria" vem do reconhecimento, nesse período, da autoria do texto, conforme a lei de 1793 na França, que confere o direito do texto a quem o escreveu, colocando a idéia do autor no centro da noção de texto. Já que antes não se tinha uma relação entre obra e autor. Posteriormente, segundo Alvarez (2006), na literatura inglesa, no século XIX, percebe-se, por parte dos autores, um apreço pela fama que conseguiram através de suas obras, tendo como inspiração suas próprias vidas. Os leitores se interessavam nas obras pelo seu teor biográfico. Ao achar interessante, os leitores admiravam o processo criativo do autor, presumindo que a vida do mesmo era de igual intensidade e tão interessante quanto aquilo que produzia. Deste modo, o leitor acreditava que a biografia tornava-se um atalho para a descoberta sobre o autor, seus pensamentos e suas idéias, sem a necessidade de ler sua obra completa.

Porém, esses escritores nem sempre tiveram uma vida tão cativante quanto as aventuras descritas em seus textos. Estes, de acordo com Alvarez (2006), usam da autenticidade, ou seja, não a verdades dos fatos – como diversos leitores pensam – mas sim a verdade da imaginação. O autor faz uma releitura da realidade, recriando os fatos conforme sua criatividade e seu estilo. Essas características são demonstradas através do uso de uma hesitação, um advérbio, sendo perceptíveis apenas em uma leitura atenta.

Confirmando as afirmações de Alvarez (2006) que os autores nem sempre escrevem a verdade, mas sim conforme sua criatividade, todavia de um modo a convencer o leitor de sua vontade, temos os estudos sobre a linguagem e argumentação de Koch (1996). Neste há diversos recursos utilizados nos textos, para manipular o sentido do mesmo de forma implícita. Alguns desses recursos são:

Tempos verbais que, através da escolha do tempo, o texto conduz para uma situação comentada (presente) - que traz um falante tenso, utilizando-se de lírica, drama - ou narrada (pretérito) – prevê um falante relaxado, dando uma impressão de relato, literário ou não.

Advérbios e preposições utilizados para o encadeamento de enunciados, construindo assim as relações argumentativas do autor. Polifonia e retórica também são recursos usados pelo autor de acordo com sua intencionalidade. O

autor assim deixa marcas de suas intenções pelo texto, cabe ao leitor interpretá-las ou ignorá-las.

Dessa forma percebe-se o motivo para não se realizar uma leitura superficial na qual o leitor não utiliza suas idéias pré-concebidas, não faz ligações entre o texto que está lendo com outros que remetem ao mesmo assunto.

Contudo, ainda hoje se tem esse modo de pensar, que é justamente o modelo de leitura que acredito que os ingressantes do curso de Letras, assim como eu quando entrei na faculdade, aprendemos no Ensino Médio com os livros didáticos.

Entretanto, percebemos que persiste, inclusive no ambiente escolar, essa leitura superficial, fazendo com que seja a voz do autor maior que a do texto e a do leitor. Deste modo, restringem-se as ilimitadas interpretações a apenas uma, a sugerida pelo autor.

Outra teoria que pode explicar essa forma de leitura voltada à intencionalidade do autor é a Escola de Chicago. Esta teoria que surge na década de 30 prioriza a seleção de personagens, pensamentos. Foca-se a reflexão sobre a escolha realizada pelos autores, mas não suas motivações psicológicas, sociais (aproxima-se da Poética de Aristóteles cuja produção do texto é apenas o resultado da vontade do escritor.).

Usando a linha de raciocínio positivista, podemos afirmar que deposita-se maior atenção na figura humana quando se trata de texto. Assim pensa-se que a explicação da obra é a procura das intenções do autor, como se fosse a voz do autor falando através de alegorias da ficção contando suas “confidências”, como afirma Barthes em “*A morte do autor*”. Restringe-se, desta maneira, a interpretação da obra a um sentido único e verdadeiro, no qual o autor consciente da atribuição desse sentido exclusivo ao seu texto coloca o leitor apenas como decodificador de seu texto, e nesse processo já se espera um resultado, o sentido único e verdadeiro dado pelo autor.

Contradizendo as práticas presentes na escola, temos algumas teorias como a Análise do discurso, o Desconstrutivismo, o Novo Criticismo, Teoria da Tradução. Estas substituem a soberania do autor pela possibilidade de construção da perspectiva do leitor, defendendo a idéia da interpretação segundo a experiência específica de cada leitor. Barthes, em seu texto “*A morte do autor*”, afirma que os textos são, na verdade, uma junção de hipertextos, ou seja, uma escrita nunca é original. Dessa forma, não pode existir um cargo de Autor-Deus que cria e responde as perguntas sobre sua criação.

Essa questão, da intencionalidade do autor versus a visão do leitor, discutida por diversos teóricos, como na Teoria da Tradução que pressupõe o leitor, no caso o tradutor, como um co-autor, no qual completa as lacunas deixadas pelo autor segundo seu conhecimento de mundo, suas experiências de

vida e de leituras anteriores. Assim autor e leitor, juntos, interagem e reconstróem o sentido do texto.

Porém, nessa linha de raciocínio, é possível concluir que cada leitor tem seu modo de preencher essas lacunas deixadas pelo autor, tem suas realidades e impressões que utilizarão como base para a leitura. Então como não se pode dizer que o autor é o “donor” do texto, não se pode afirmar tão pouco que o leitor o é, pois é necessário levar em consideração também a “autoridade do texto por si só”. Como Eco afirma "(...) entre a intenção inacessível do autor e a intenção discutível do leitor está à intenção transparente do texto, que invalida uma interpretação insustentável”.

## **Objetivo**

O objetivo inicial é pesquisar e diferenciar as teorias de interpretação usadas na Escola (Ensino Médio) e na Universidade (Ensino Superior, curso de Letras) com foco na figura do autor. Ao fazer uma análise geral das diferentes teorias em que se apóiam os professores (da escola e universidade), buscaremos explicar possíveis dúvidas sobre a figura do autor e sua (não) influência na interpretação, que surgem durante a passagem dos alunos, do Ensino Médio para o Superior.

Analizaremos as impressões dos universitários (calouros e veteranos) questionando-os sobre suas leituras cotidianas e, para isso, realizaremos possíveis comparações, observando até que ponto suas opiniões mudam e quais teorias se percebem como base em suas argumentações.

## **Metodologia**

Para a realização deste trabalho, utilizaremos pesquisa bibliográfica, assim como pesquisa de campo. Com a coleta de dados (entrevistas feitas com estudantes do Ensino Superior do Curso de Letras) e o estudo destes, dialogaremos com a bibliografia a ser revisada para, utilizando-se do conhecimento já produzido, avaliar sua contribuição na explicação do problema, do objeto da investigação. Além de poder gerar a construção de trabalhos inéditos que interpretando, reanalizando e criticando considerações teóricas, criam novas proposições de explicação e compreensão dos fenômenos abordados.

A coleta de dados se realizará através de entrevistas semi-estruturadas, de áudio, gravadas em ambiente natural. Serão feitas com alunos recém chegados à universidade e com alunos do último ano, no início do ano letivo. Utilizaremos

doze alunos do Curso de Letras da Unicamp Diurno, seis veteranos, sendo três meninos e três meninas e seis calouros, com a mesma divisão de gênero. As informações serão recolhidas a partir de uma conversa sobre literatura. Sobre suas experiências na leitura e estudos de textos literários ao longo de seu percurso até a universidade.

### **Justificativa**

Com esse trabalho acredito poder demonstrar as dúvidas que os alunos têm ao entrarem no Curso de Letras no qual em suas aulas são colocados frente a novas teorias que contradizem suas práticas de leitura. Entram em conflito os diversos modos possíveis de interpretação, tanto àqueles que visam o autor e sua vontade, em relação a sua obra, quanto aqueles que acreditam em uma livre interpretação. Dessa forma questionamentos são levantados sobre se há interpretações “certas” e “erradas”.

---

### **Referências Bibliográficas:**

- ALVAREZ, A. (2006) *A voz do escritor*. Ed. Civilização Brasileira, São Paulo.  
BARTHES R. (1987) “A morte do autor”. In: *O Rumor da Língua*, Ed. Edições 70, Lisboa.  
ECO, U. (1993) *Interpretação e superinterpretação*. Ed. Martins Fontes, São Paulo.  
KOCH, I. G. V. (2006). *Desvendando os segredos do texto*, Ed. Cortez, São Paulo.  
LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. (1996). *Formação da leitura no Brasil*. Ed. Atica, São Paulo.  
SILVA, L. M. (1984). *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Ed. S.N., Campinas.  
ZILBERMAN, R (1984). *Leitura em crise na escola, as alternativas do professor*, Ed. Mercado Aberto, Porto Alegre.